

Migração e processos de subjetivação em Sándor Márai: do exílio à nostalgia entre tramas biográficas, políticas e culturais

*Eduardo Moura Oliveira*¹

Resumo: Este artigo analisa as relações entre a experiência de migração e uma gramática das emoções inscritas em temporalidades específicas a partir do exílio do escritor húngaro Sándor Márai (1900-1989). A proposta visa examinar a trajetória biográfica buscando mapear a articulação entre o exílio e a nostalgia, com base em aspectos culturais no contexto do século XX. O objetivo é, através de revisão de literatura, explorar o rendimento teórico de estudos voltados ao modo pelo qual a trama biográfica está enredada à cultura, uma articulação entre os campos da antropologia e da história.

Palavras-chave: Sándor Márai. Exílio. Nostalgia. Antropologia das emoções. Etnobiografia.

Migration and processes of subjectivation in Sándor Márai: from exile to nostalgia between biographical, political and cultural plots

Abstract: This paper analyzes the relationships between the migration experience and a grammar of emotions inscribed in specific temporalities from the exile of the Hungarian writer Sándor Márai (1900-1989). The proposal aims to examine the biographical trajectory, seeking to map the articulation between exile and nostalgia, based on cultural aspects in the context of the 20th century. The objective is, through a literature review, to explore the theoretical yield of studies focused on the way in which the biographical plot is entangled with culture, an articulation between the fields of anthropology and history.

Keywords: Sándor Márai. Exile. Nostalgia. Anthropology of emotions. Ethnobiography.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: eduardomoura@gmail.com

Migraciones y procesos de subjetivación en Sándor Márai: del exilio a la nostalgia entre tramas biográficas, políticas y culturales

Resumen: Este artículo analiza las relaciones entre la experiencia migratoria y una gramática de las emociones inscritas en temporalidades específicas del exilio del escritor húngaro Sándor Márai (1900-1989). La propuesta tiene como objetivo examinar la trayectoria biográfica, buscando mapear la articulación entre exilio y nostalgia, a partir de aspectos culturales en el contexto del siglo XX. El objetivo es, a través de una revisión de la literatura, explorar el rendimiento teórico de los estudios centrados en la forma en que la trama biográfica se entrelaza con la cultura, una articulación entre los campos de la antropología y la historia.

Palabras clave: Sándor Márai. Exilio. Nostalgia. Antropología de las emociones. Etnobiografía.

Introdução

Este trabalho propõe investigar as imbricações entre a experiência de migração e os processos de subjetivação a partir da trajetória do escritor austro-húngaro Sándor Márai (1900-1989). Inscreve-se em um esforço de análise da trajetória individual, tomando como referência a literatura existente a respeito do exílio e de reflexões sobre vivências, encontros reais e imaginados, um quadro multifacetado, guiado por fios narrativos cuja direção ora se aproxima, ora se distancia no tempo e no espaço. O objetivo é analisar como a trama biográfica marcada pelo exílio é constituída por aspectos políticos enredados à cultura, na articulação entre antropologia e história.

A pesquisa se insere no eixo de uma antropologia das emoções articulada às tramas biográficas analisadas à luz de teorias voltadas tanto para a defesa da autonomia do leitor (RICOEUR, 2012) quanto para os processos de subjetivação de personagens históricos exilados. Nesse sentido, parto de uma discussão conceitual sobre o exílio para, em seguida, propor uma apresentação do contexto centro-europeu de onde emergem narrativas que serão examinadas pela tensão entre cultura e personalidade, conteúdos objetivos e apropriações subjetivas (SIMMEL, 1992). Aqui reside a proposta

teórica de remontar a tensão clássica das ciências sociais, indivíduo e sociedade, analisada através do par biografia-etnografia.

O conceito de *etnobiografia* propõe, necessariamente, uma problematização dos conceitos-chave do pensamento sociológico clássico – como o individual e o coletivo, o sujeito e a cultura – ao abrir espaço para a individualidade ou a imaginação pessoal criativa. O indivíduo passa a ser pensado a partir de sua potência de individuação enquanto manifestação criativa, pois é justamente através dessa interpretação pessoal que as ideias culturais se precipitam e tem-se acesso à cultura (GONÇALVES, Marco Antônio, 2012, p. 9).

Do ponto de vista metodológico, recorro ao conceito de *etnobiografia* para pensar a articulação entre a experiência de exílio e as forças político culturais envolvidas. Assim, a proposta toma como objeto o caso de uma individualidade cuja trajetória radicaliza a experiência do desterro, no contexto² dos nacionalismos centro-europeus do século XX, regiões distantes protagonismo econômico e dissolvidas pelas decisões políticas.

Ao percorrer as linhas narrativas de Márai, identifico como sua experiência de exílio mobiliza sentimentos ligados ao passado que se caracterizam por uma abertura a novas expectativas, estabelecendo um enlace entre a nostalgia e a esperança. Tais imbricações, reais e imaginárias, são perseguidas como fios narrativos enredados à trajetória de outro escritor húngaro, Imre Kertész, de onde surgem outras experiências de exílio e a possibilidade de pensar encontros. É baseado nessas tramas de

² Um debate metodológico sobre a história intelectual opõe a abordagem contextualista de Skinner (1999) e Pocock (1962) ao textualismo de autores como Leo Strauss (1988), acusada de reduzir ao ato de ler e reler até alcançar um significado. Se o contextualismo é acusado de ignorar elementos textuais, enquanto o textualismo desconsidera aspectos históricos, procuro aqui conjugar elementos linguísticos e extralinguísticos, no registro de uma teoria da interpretação, como proposta por Ricoeur (2012).

vida, marcadas pelo desterro enquanto neutralização do ator político, que escrita e cultura se entrelaçam.

Do exílio aos processos de subjetivação: a nostalgia

O exílio é um desencaixe entre o sujeito e o seu lugar de origem. De Henrich Heine a Franz Kafka, de Hannah Arendt a Edward Said, o desterro é marca dos negócios humanos, a lança que atravessa a história das mentes, dos corpos e das letras. Movimento das relações sociais cuja função é a de ceifar raízes e desidratar laços políticos, afetivos e culturais, o exílio é a ruptura temporária ou permanente, voluntária ou compulsória, linear ou intermitente. “Fratuza”, em Edward Said (2003), “perda das raízes e garantias” em Hannah Arendt (2008), “vida danificada” em Adorno (2008), o exílio é mais que uma disjunção entre o abrigo e o desabrigo ou qualquer diagnóstico apontado a um binarismo voltado a posicionar o indivíduo entre dois mundos, para usar o termo de Anatol Rosenfeld (1967).

Neste trabalho, procuro esgarçar a compreensão do exílio até identificar nela uma característica do moderno: a condição labiríntica da inadequação, cuja expressão máxima se encontra nas linhas de Franz Kafka (ROSENFELD, 1967), mas também aparece nas letras modernistas de Baudelaire e Camus, de acordo com Susan Suleiman (2009, p.368).

Uma literatura modernista cuja centralidade dramática está concentrada na ideia do indivíduo estranho, fisicamente perto e simbolicamente distante (SIMMEL, 1983). De acordo com Rosenfeld, o exílio provoca um impulso dual de atitudes ambíguas entre o isolamento e a integração, um tipo de subjetividade atravessada pela estranheza, como abordei em trabalho recente (OLIVEIRA, 2020). A chave desse desencaixe corresponde a um tipo de subjetividade cujo percurso permite pensar a articulação entre dramas individuais e contextos político-culturais.

A partir do trabalho de Susan Suleiman (2009), é possível pensar tipos de exílio inscritos no registro temporal, ou seja, calcado em subjetividades deslocadas pelos eventos que se

sucedem no tempo. Tomando como referência a noção de desterro provocado pelo afastamento com os vínculos natalícios, o exílio é examinado aqui em sua relação com a ideia de desencaixe espaço-temporal, um sentido de ruptura com os laços capaz de produzir um afastamento em relação ao tempo vivido no passado, uma vez transformado no tempo.

Olivia Angé e David Berliner (2016) argumentam que essa inquietação provocada por um sentido de perda no presente em relação ao que a vida foi no passado tem íntima relação com o exílio, aspecto marcante no contexto do Leste europeu pós-guerra. O desconforto causado por esse passado perdido a partir da ruptura com o lugar de origem é o que estabelece o nexos entre o exílio e a nostalgia, do ponto de vista de uma antropologia das emoções. Em outro lugar (Oliveira, 2017), ao resenhar *Anthropology and Nostalgia*, de Angé e Berliner, procurei explicitar essa relação.

O espírito do tempo (*Zeitgeist*) caminha a partir do presente na era moderna, presente que se desdobra como “novos tempos”, em renovação contínua em relação ao que se é. Considerando o moderno como a época que se movimenta tendo o presente como referência, cabe questionar qual o papel que o passado exerce como forma de orientação às sociedades. Refere-se ao problema da nostalgia, cuja origem do termo remonta ao grego *nostos*, “retorno ao lugar de origem”, e *algos*, que significa “dor ou tristeza” daqueles conscientes da condição irreversível daquilo que passou (OLIVEIRA, 2017, p. 274).

O enredamento de escritas e práticas nostálgicas ao exílio é uma das chaves de compreensão possíveis cujo rendimento nos permite pensar processos de subjetivação marcados por medos e descontentamentos em relação a perdas irreversíveis. Nesse sentido, Chris Hann (2016) explora as conexões entre antropologia e história para compreender como a nostalgia entre os húngaros se expressa inspirada no império dissolvido. Entre os múltiplos significados do exílio, o caso húngaro guarda um registro temporal

fundamentado em parte na imagem do grande império perdido (HANN, 2016). Tais sentimentos, inscritos em diferentes momentos da história política húngara são acionados como demarcação de status e estabelecimento de hierarquias (MILLER, 1997), além de evidenciar certa organização das emoções em relação à cultura (COELHO & REZENDE, 2011).

A partir dessa relação complexa, cabe examinar aspectos políticos e culturais do período em que ocorreu o exílio de Márai. Nascido em uma sociedade multiétnica organizada através de uma estrutura de poder dualista, o escritor atravessa os principais acontecimentos centro-europeus, como a dissolução do império austro-húngaro, as guerras e regimes totalitaristas.

Faces do desabrigo político e cultural no universo de Márai

O período que antecede a guerra de 1914 na Europa Central é profundamente marcado pelas ambições imperialistas em conflito com a pluralidade característica da região³. Em Estados multinacionais, como a Áustria-Hungria, esse conflito era acirrado pela questão da distribuição e acesso a direitos por minorias, aspecto que tornava as relações cada vez mais tensas. Além das disputas pela supremacia do poder econômico e político, o espírito imperialista atuava em duas frentes: corrida pela reivindicação de territórios africanos e unificação-expansão dos estados-nação (HOBSBAWN & RANGER, 1997).

O principal traço político-cultural na Europa central da primeira metade do século XX é o da existência de uma classe que detém o poder econômico e, no entanto, é desinteressada pela dominação política (ARENDETT, 2012). As classes burguesas, voltadas para si, admitiam qualquer tipo de Estado desde que garantisse a proteção de suas propriedades. Herdeiro da monarquia e da cultura do despotismo, 'o homem', convertido em cidadão e possuidor

³ O ápice dessa tensão ocorre quando a Áustria-Hungria, numa demonstração de força e para advertir as ambições separatistas, anexou a região da Bósnia-Herzegovina, em 1908, decisão altamente contestada.

de direitos universais, distancia-se dos interesses políticos, voltando seus interesses para a vida privada e para a realização individual. Ao se afastar dos negócios públicos, esses indivíduos se afastam também daqueles com os quais partilham uma identidade (ARENDETT, 2012, p.168). No entanto, essa tendência assume formas específicas na experiência austro-húngara, prenúncio do que Le Rider chamou de “crise do indivíduo”.

A emancipação do indivíduo na ordem política e social, essa conquista da modernidade do fim do século XVIII e das primeiras décadas do Século XIX, emparelhava-se com a afirmação confiante e orgulhosa da individualidade nos domínios da ética e da estética. Não obstante, Schopenhauer e Nietzsche analisaram as ilusões e os males do individualismo, e essa crítica encontrou seu prolongamento na psicologia e na sociologia do final do Século XIX e do início do Século XX: a autonomia e a solidão do indivíduo aparecem como um dos fenômenos mais ambivalentes da condição moderna. A crise do individualismo, vivenciada sob a crise do sentimento de identidade, se encontra no cerne das interrogações da literatura e das ciências humanas (Le RIDER, 1992, p. 11-12).

No início do Século XX, o modernismo tratava de fazer a autocrítica do projeto civilizador e imperialista característico das nações europeias. Em Viena, os modernistas procuravam capturar um discurso capaz de abrir uma via crítica de reformulação estética, científica e filosófica. Privilegiando a subjetividade como fonte de expressão do político, os intelectuais guardavam sinais da cultura germânica em sua maneira de formular um problema político.

Dois fatos sociais básicos distinguem a burguesia austríaca das burguesias francesa e inglesa: ela não conseguiu destruir e tampouco se fundiu totalmente com a aristocracia, e, devido à sua fragilidade, ela se manteve dependente e profundamente leal ao Imperador, como um protetor paterno distante, mas

indispensável. A incapacidade de monopolizar o poder fez com que o burguês, sentindo-se sempre um pouco forasteiro, procurasse a integração com a aristocracia. O elemento judaico em Viena, numeroso e próspero, apenas fortaleceu esta tendência, com o seu forte impulso assimilacionista (SCHORSKE, 1989, p. 29).

Essa precariedade pode ser vista ainda por outro ângulo, onde as categorias objetivas do conhecimento tensionam e inspiram lutas políticas a partir de uma elaboração interna do mundo exterior, fornecendo margem à subjetividade como novo personagem político. Simmel (1992) ensaiou essa tensão em termos de *tragédia da cultura*, enquanto Freud (1997) expôs a partir do *mal-estar*. Refiro-me a uma tradição do pensamento alemão que consiste em uma apreensão do caráter trágico do moderno sob a ótica de uma cisão entre as esferas objetivas e subjetivas da vida. O historiador Wolf Lepenies (1996) sintetiza como esse traço está ligado a uma cultura.

O atraso político e social da Alemanha em relação a seus vizinhos ocidentais faz parte, até mesmo no Século XX, dos temas constantes da reflexão do alemão sobre si mesmo; e, se há uma ideologia alemã, ela consiste menos em investigar as causas e buscar soluções para esse atraso do que em contrapor, numa mistura de orgulho e pesar, o romantismo à Ilustração, o Estado de castas à sociedade industrial, A Idade Média à Modernidade, a cultura à civilização, a subjetividade à objetividade, a comunidade à sociedade e o sentimento ao intelecto (...) (LEPENIES, 1996, p. 205).

Segundo Carl Schorske, a experiência do moderno impõe, pela lógica da dissociação, a busca por formas de vida liberadas das referências passadas ou de valores instituídos tradicionalmente. “A transformação histórica, além de obrigar o indivíduo a buscar novos “eus”, também impõe a grupos sociais inteiros a tarefa de rever ou substituir sistemas de crenças já mortos”

(SCHORSKE, 1989, p. 13-14). Na mesma direção, Le Rider destaca que a marca específica da *Wiener Moderne*⁴, diferente da parisiense, da berlinense ou da londrina, é um traço nostálgico diante do novo. “Um efeito de tardança se conjuga nela com o de recuperar o tempo perdido”, sintetiza (Le RIDER, 1992, p.24). Viena é retardatária do processo de modernização, pois possuía estruturas sociais, políticas e econômicas mais perturbadas pela persistência da tradição. Le Rider menciona como exemplos o fato da filosofia austríaca nunca ter se engajado nas discussões pós-kantianas e do naturalismo nunca ter se consolidado como forma estética.

No plano político, o acordo de 1867 entre o império austríaco e a Hungria tinha como um de seus objetivos sanar o problema das minorias étnicas não ouvidas. O processo de *magiarização* consistia em políticas voltadas para o favorecimento da assimilação de nacionalidades não húngaras, uma vez adotada a língua magiar⁵. Era atravessado por medidas coercitivas e pressões. Enquanto políticos e intelectuais húngaros tentavam resolver o problema da unidade nacional pela implementação forçada de uma unidade linguística, as minorias falantes de outras línguas passaram a ser ignoradas por medidas políticas e perseguidas pela polícia.

Há, ainda, uma questão referente ao histórico dilema húngaro sobre seu pertencimento em relação ao resto da Europa. As línguas fino-úgricas, faladas na Finlândia, Estônia e Hungria, não fazem parte da família de línguas indo-europeias. O úgrico pertence ao entroncamento da língua urálica. Considerando a teoria linguística que defende o grau de parentesco entre o urálico e o altaico, o húngaro, apesar de estruturado no alfabeto latino, está mais próximo das famílias túrquicas, mongólicas e nipônicas, o que levanta uma controvérsia sobre as raízes ocidentais dos

⁴ O termo *Wiener Moderne* foi cunhado pela historiografia alemã para se referir ao momento que vai das revoluções de 1848 até aproximadamente os anos 1930.

⁵ Magiar, ou magyar, é referente ao povo predominante na Hungria, os húngaros.

húngaros. Um lugar onde a sensação de exílio é constituinte da mentalidade e antecede a própria expatriação⁶.

Márai e a inexorabilidade do exílio: uma abordagem etnobiográfica

A partir dos aspectos políticos, culturais e linguísticos pontuados na seção anterior, podemos pensar o universo a partir do qual uma série de intelectuais centro-europeus saíram em exílio no contexto de experiências totalitaristas. Evidentemente, as experiências subjetivas dos exilados são múltiplas e estão para além de uma tipificação específica – Márcio Selligmann-Silva (2010) havia mostrado essa variação ao pensar uma “filosofia do exílio”, tomando como referência os casos de Rosenfeld e Flusser. Ocorre que, dentro da proposta deste trabalho, o caso de Márai, fornece um quadro de onde podemos pensar as especificidades de sua experiência de exílio, em particular, o modo pelo qual está articulado a nostalgia. Como procedimento metodológico, o pressuposto de que uma vida-personagem é também expressão de uma pluralidade, uma vez que mobiliza sínteses de questões psicológicas, sociológicas e históricas. Aqui a ideia do *etnobiográfico* fornece um fecundo instrumental analítico para pensar as conexões entre as trajetórias individuais e reflexões sobre a cultura:

A noção de etnobiográfico problematiza, por assim dizer, o etnográfico e o biográfico, as experiências individuais e as percepções culturais, refletindo sobre como é possível estruturar uma narrativa que dê conta desses dois aspectos na simultaneidade, ou seja, propõe, a um só momento, repensar a tensa relação entre subjetividade e objetividade, pessoa e cultura (GONÇALVES, M. A., 2012, p. 20).

⁶ Le Rider comenta: “Os contemporâneos de Freud e Hofmannsthal sentiam sua situação vienense como um entrave, quase como um exílio, e jamais cessaram de invejar a vida cultural, intelectual e universitária das outras metrópoles europeias” (Le RIDER, 1996, p. 30).

Nesse sentido, o exílio de Márai é analisado considerando a “inevitabilidade dos fatos” (GONÇALVES, 2012, p.26). No caso do escritor em sua trajetória, pode ser entendido como uma recusa a permanecer vivendo diante do quadro que se instalou. No entanto, a ideia de ‘recusa’ mobiliza o campo semântico voltado para uma ação em termos de rejeição – noção que poderia ser contrastada a de outros intelectuais húngaros que decidiram permanecer, mesmo diante da perseguição no contexto do regime comunista. Nas ciências sociais, esse debate se desdobra em teorias voltadas para o esforço de compreensão da articulação entre ação e estrutura (GIDDENS, 1984) e dos conflitos entre o indivíduo e a sociedade (ELIAS, 1994). Diante dessa tensão entre o voluntário e o contingente, o caso de Márai se inscreve nessa fronteira através da categoria “dever”, aqui entendido como uma consciência da devoção ou da necessidade conferida ao indivíduo em razão de um preceito moral. Nesse ponto, vale lembrar a proximidade com a noção de responsabilidade (*verantwortung*) kantiana e suas relações com um “dever ser” de acordo com a moral: “a vontade é concebida como faculdade de se determinar a si mesmo em conformidade com a representação de certas regras” (KANT, 2014, p. 71).

Pflichtgefühl é o aspecto que acredita ter herdado de seus ancestrais, um sentimento ora arraigado, ora estranho à própria natureza. Designa um senso de responsabilidade obsessivo e, ao mesmo tempo, desconfortável, que Márai atribui a sua origem saxã. Trata-se de uma virtude daquele que age considerando o sistema de valores vigente: “a individualidade é o pouco de novo que acrescentamos a nós mesmos, insignificante comparado à herança que os mortos nos deixam” (MÁRAI, 2006, p. 78).

Nesse contexto de aspirações imperialistas de um projeto político de unidade perturbado pelas diferenças étnicas e culturais, Márai se considerava um estranho nos termos de Simmel (1983). Antes de escrever suas confissões, o autor viu a Hungria perder doze dos dezenove milhões de húngaros, com o Tratado de Trianon (1920). Em 1934, sua cidade natal já não pertencia à Hungria e a possibilidade de retorno ficava cada vez mais remota, em face

do processo de “eslovaquização”⁷. Márai recorre à escrita e, em novelas como *As Brasas* (2012) e *O legado de Eszter* (2009), indica recuperar o passado sob a forma de ficção e, ao mesmo tempo que dramatiza a condição irrecuperável de situações da vida, como na passagem seguinte:

O mundo exterior nada pode contra mim. Novos sistemas mundiais podem aniquilar o ambiente em que nasci e vivi, forças agressivas e obscuras podem destruir-me, tirar-me a liberdade e a vida. Para mim tanto faz. O importante é não pactuar com o mundo que conheci e que excluí de minha vida (MÁRAI, 2012, p. 84).

Em 31 de agosto de 1948, após viver as adversidades da guerra⁸ e no contexto das políticas soviéticas⁹, Márai deixa a Hungria em exílio definitivo até a sua morte, em 1989. Para o escritor, a Hungria pagava o preço da aliança com os soviéticos durante a Segunda Guerra da maneira mais cruel: havia se tornado um estado fantoche, de existência questionável, atravessado por uma crise

⁷ De acordo com um censo de 1910, a cidade de Kassa, onde nasceu Márai, tinha distribuição étnica formada por 75,4% de húngaros (magiares), 14,8% de eslovacos, 7,2% de germânicos e 1,8% de poloneses. Após a primeira guerra, com a criação da Tchecoslováquia, iniciou-se um processo de assimilação cultural em favor da língua eslovaca, incluindo perseguição e intimidação das minorias. Márai escreve suas confissões em 1934, isto é, no meio do processo de inversão da composição linguística de sua cidade, do magiar para o eslovaco.

⁸ Em 1944 Márai e sua esposa deixaram Pest em direção a Leányfalu, levando os filhos. Entre seguidos deslocamentos, passaram por Losonc e Budapeste, onde teve seu apartamento destruído por um bombardeio e perdeu familiares, em 1948.

⁹ Após lutar ao lado dos soviéticos na *Operação Barbarossa*, a Hungria se beneficiou com a ofensiva a Budapeste, ataque do exército vermelho aos nazistas. A aliança entre Hungria e União Soviética na segunda guerra gerou uma expectativa de instalação de um governo comunista, o que se consumou em 1949, com a presença militar contínua do exército vermelho em Budapeste e a abolição da monarquia húngara.

moral diante da implementação da ideologia e da cultura soviéticas. Ao analisar suas decisões, seu senso de não pertencimento continha uma dose de resignação. “As coisas aconteciam assim, sem planejamento e contra a minha vontade, sempre e em tudo o que a vida me deu” (MÁRAI, 2006, p. 352). Reconhecia a volatilidade característica de seus processos de migração e como isso impregnava as suas relações, como no episódio em que conheceu sua mulher: “eu tinha me acostumado a gostar de uma pessoa e em seguida esquecê-la” (MÁRAI, 2006, p. 319).

Após uma temporada nos Estados Unidos, retorna à Europa esperando a libertação com os acontecimentos da revolução húngara de 1956¹⁰, mas em Munique, dias antes de chegar a Budapeste, acompanha as notícias da *Operação Vendaval*, na qual as tropas soviéticas esmagaram a resistência, resultando em 2500 mortos. Após idas e vindas entre a Itália e os Estados Unidos, se instala na cidade de San Diego. Enquanto o debate sobre a publicação de suas obras era reaberto na Hungria, Márai escrevia diários para as gavetas. , Em 1988, a Academia Húngara de Ciências e a Associação de Escritores Húngaros solicitaram a republicação de suas obras, mas Márai recusou por considerar a *glasnost*¹¹ uma farsa. Em 21 de fevereiro de 1989, Márai cometeu suicídio com um tiro de pistola, nove meses antes da queda do muro de Berlim.

Análise do exílio ao reencontro imaginado

Márai deixa o lar motivado por sua já relatada carga de descrença em relação à forma pela qual as políticas culturais eram conduzidas na Hungria soviética. Deixaria o país antes, pois não admitia interferências em sua liberdade intelectual¹². Na seção

¹⁰ Revolta popular, de origem estudantil, contra as políticas conduzidas pelo comando soviético ao governo húngaro.

¹¹ Política de reabertura gradual da liberdade de expressão, conduzida ao final dos anos 1980 por Mikhail Gorbachev, último líder soviético.

¹² Segundo alguns autores, a independência de Márai era inegociável, mesmo quando estava em exílio e debatia, com editores, possibilidades de publicação.

anterior, argumentamos como sua trajetória fornece indicações de um exílio fundamentado no dever, enquanto “necessidade objetiva de uma ação por obrigação”, correspondente a uma moral (KANT, 2014, p. 89), baseado em seus diários. Em texto sobre Márai, o Nobel de literatura Imre Kertész cita a prestação de contas do escritor ao citar a Budapeste de 1948.

Aprendi a lição e sei que, na Europa, falam-se ao todo setenta línguas e que noventa e cinco por cento delas são de origem indo-germânica. A minha língua faz parte das cinco por cento restantes, o húngaro de origem uralo-altaica (...) Serei sempre um estranho tolerado, suportado (MÁRAI, op. cit KERTÉSZ, 2004, p. 161-162).

Antes do exílio, Márai circulou pela Europa até retornar a Budapeste, sentindo-se um “estranho tolerado”. No entanto, não fez parte dos agrupamentos chamados minorias; tratava-se de um correspondente de jornais e revistas, um dos autores mais lidos da Europa central. Imre Kertész fala de uma “seriedade existencial” em Márai que resultou em seu próprio desmoronamento. Segundo Kertész, uma crítica se formou na Hungria sobre a decisão de emigrar do escritor, no sentido de apontar interesses pessoais como fundamento de sua saída. No entanto, para Kertész, sua emigração possui um fundamento representativo; buscava ilustrar a história política a partir do fracasso de seu próprio empreendimento.

Ele não chegou ao ocidente como refugiado, mas como escritor europeu que, por assim dizer, declarou sua parte de culpa em todos os crimes que os homens de espírito cometeram na Europa contra esse mesmo espírito. Homem especial: em vez de chorar a própria sorte ante o poder comunista, preferiu culpar-se e

“though he needed income, he jealously guarded his independence and kept out of the exile squabbles by writing books instead” (NEUBAUER, 2009, p. 212).

testemunhar a ruína completa da condição humana. Mas não bastava denunciar, ele mesmo desejava desgraçar-se, como Jean-Baptiste Clemence, o juiz penitente, no romance *A queda*, de Camus (KERTÉSZ, 2004, p. 162).

“Ele declarou sua parte de culpa em todos os crimes que os homens de espírito cometeram na Europa” – aqui aparece o sentido de responsabilidade do escritor que age com base em um senso de dever¹³. O autoexílio de Márai no pós-guerra flagra a ilegitimidade do poder na Hungria. Não admitindo ser controlado nas ideias e na escrita, assume uma consciência de responsabilidade diante de um regime que não adere à modernização e mantém grande parte da população no semianalfabetismo (KERTÉSZ, 2004. P.164).

A burguesia na Hungria era, nas palavras de Kertész, “um corpo estranho”, entendida como “inimiga do povo”. O totalitarismo defendia a coesão pela noção de *hungaridade*. Já em 1942, demonstrava preocupação diante do que restou da cultura em face ao controle soviético. Em diário de 1944, no contexto da ocupação nazista da Hungria, escreve: “que papel ingrato será o daqueles que terão que fazer um inventário dos instrumentos falsificados da Nação!” (2004, p. 167). Para Márai, tanto a situação do seu país quanto sua, em particular, estava arruinada a um só golpe. A unidade nacional, esse projeto pouco resolvido inclusive por conta de uma burguesia que não consegue preencher requisitos modernizadores, está submetida à opressão e ao trabalho de ideólogos do sistema. Para Kertész, a solidão de Márai é fruto não apenas do sentimento de desterro, mas por constatar a irreversibilidade da condição húngara. Em 1953, em diário escrito em Nova York, Márai reflete: “Como é possível escrever sem eco? Encerrado em uma língua que nem parece viva” (2004, p. 168).

¹³ Márai indica tomar a decisão de deixar o país com base no dever, enquanto “necessidade objetiva de uma ação por obrigação”, correspondente a uma moral e senso de cidadania (KANT, 2014, p. 89).

Através da trajetória de Márai, é possível observar como o exílio do apátrida, marcado pela nostalgia diante da impossibilidade de recuperar a identidade perdida, se articula com o quadro político através de processos de subjetivação. A Hungria não deixou de existir, no entanto, Márai sentia a sua inexistência. Novamente, surge um tipo de relação entre o indivíduo e a perda, aspecto presente ao longo de suas obras literárias. Nas *confissões de um burguês*, o título, se não é provocador, é ilustrativo. O que teria a confessar um burguês? Segredos mesquinhos?

Para Kertész, Márai confessa “ter nascido burguês, morador de cidade e cidadão europeu, (...) que assume senso de responsabilidade pela terra onde essa espécie de homem nasceu e (...) pelo destino dessa espécie de homem” (KERTÉSZ, 2004, p.165). A passagem anterior sinaliza a consciência e afirmação de sua posição. Mesmo na condição de apátrida, não existe renúncia. Isso se estendeu até os momentos finais do autor. Nos diários de 1984-1989, escreve: “não autorizo nenhuma publicação, enquanto o exército do invasor lá estiver”. Kertész comenta: (Márai) “tem 89 anos e não regateia” (2004, p. 170).

Há ainda uma passagem em Kertész que indica um sentido de redenção do próprio destino, no contexto de perseguição dos anos 1940. Conta ter lido um diário de Márai quarenta anos depois de ser proibido de circular no país, já nos anos 1990. O texto menciona a manhã de 3 de julho de 1944, dia do ataque aéreo a Budapeste, momento em que Márai chegava à cidade vindo de Leányfalu em um trem local.

“No caminho o trem passa próximo à fábrica de tijolos de Budakalász. Sete mil judeus da região de Budapeste esperam ali, entre os galpões de secagem de tijolos, pela deportação. À margem dos trilhos veem-se soldados com metralhadoras” (MÁRAI op cit. KERTÉSZ, 2004, p. 170).

Kertész explica ter sentido uma alegria gratificante pela possibilidade de Sándor Márai tê-lo visto. “Ele tinha 44 anos, e

eu, catorze” (2004, 171). Na reflexão de Kertész, Márai saberia o que aquele menino não sabia naquele momento – que todos ali estavam sendo mandados para Auschwitz. A satisfação de Kertész reside no papel do escritor. Existia alguém ali, naquele momento, a descrever o que acontecia. Sobre essa relação, Suleiman explica que a alegria do escritor judeu, sobrevivente em Auschwitz, é a de ser lembrado por outro escritor mais velho, isto é, pelo registro da perseguição, feito por alguém que escolheu deixar a terra natal.

No texto de Kertész, existe um sentido de propagação, comparado a uma onda de rádio, como as linhas dos diários de Márai proibidos de circular na Hungria durante 40 anos. O ponto aqui é compreender como as palavras de Márai atravessaram o exílio e, postumamente, alcançariam Kertész, quatro décadas depois. Momento em que a língua exilada retorna e reencontra aquele menino que fazia parte do grupo perseguido em 1944, em direção ao campo de concentração, consagrando-se pelo reconhecimento de sua existência. Naquele momento, seria possível dizer que Márai voltou para a casa.

Considerações finais

“A esperança nunca está longe da nostalgia” (Berliner apud. Coelho & Oliveira, 2020). Com essa reflexão, Berliner identificou uma conexão entre sentimentos voltados ao passado e sentimentos projetados ao futuro. Ao lado de Olivia Angé (2016), mapeou uma série de estudos sobre a nostalgia e identificou o exílio como categoria central para uma reflexão a respeito de formas específicas de pensar as vivências subjetivas de temporalidades múltiplas. A partir desse estudo, é possível posicionar o escritor Sándor Márai no plano de uma literatura do exílio sensivelmente voltada para uma forma particular de nostalgia aberta, de acordo com a qual o passado é fonte de revivescência por meio da narrativa.

O exame das migrações de Márai permite uma reflexão etnográfica fundada em uma abordagem biográfica, programa cuja direção explora conceitualmente as noções de exílio até o limite das experiências de sentir a passagem do tempo. O pressuposto

é o de que a vida é constituída como narrativas entrelaçadas a memórias, comentários e histórias, sendo a linguagem a amálgama entre o tempo objetivo e as temporalidades vividas subjetivamente (Ricoeur, 2012), atravessadas pela experiência de migração. Assim, a nostalgia do exilado consiste em revitalizar o passado sensivelmente atento ao objeto que se perdeu no tempo e, a partir daí, expressar possibilidades de transubstanciar o fatalismo consumado em incertezas abertas.

Em Márai, a persistência em escrever sempre em húngaro e em tensionar uma espécie de esperança paralisada pelo curso da história indica o medo da extinção dos traços que o identificam e faziam sentido no passado¹⁴. Cabe, então, situar como o testemunho do fim do mundo o leva a abordagens nostálgicas e a uma prosa voltada para a restauração de uma espécie de beleza do passado, do ponto de vista de uma subjetividade apátrida.

Se o exílio é uma condição de “perda terminal”, ou de “morte sem o golpe de misericórdia”, como afirmou Said (2006, p. 46-47), a nostalgia característica do exilado é o anseio pelo golpe de misericórdia, não um golpe capaz de consumir o fim, nem mesmo de proporcionar um recomeço, mas de conceder o fim da penitência. Talvez seja essa sensação de esmagamento do espaço e do tempo, uma espécie de ansiedade sem expectativa, o que atesta a sensação de ausência permanente e incontornável. A perda é “terminal” na medida em que não espera a ocorrência de algo, o que atesta esse caráter irreversível da passagem do tempo.

A nostalgia é a pedra em meio à correnteza do tempo. Expressa o desejo de preservação do que sobrou da vida fraturada pelo exílio. Como referência passada no presente, a nostalgia figura como o próprio esforço em reter algo no fluxo de acontecimentos. A partir do caso de Márai, a nostalgia do exilado consiste no momento em que o sujeito solta a pedra e se deixa levar pela

¹⁴ Para Márai, escrever em húngaro significava o sentido da própria existência. Fora da ‘pátria’, seus livros não eram lidos em função da barreira do idioma; dentro da Hungria, suas obras foram tiveram a circulação proibida. Não é exagero dizer que Márai vivia a condição de insularidade linguística.

correnteza em busca de um remanso, em busca da paz terminal. O esforço consiste, portanto, em transubstanciar a correnteza do tempo em correnteza narrativa da própria vida. Fazer do passado uma força a perseverar no fluxo das mudanças. Para Márái, dar sentido à vida é se render a essas emoções e ser capaz de travar infindáveis batalhas em nome delas.

Referências

ADORNO, Theodor. **Minima Moralia**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

ANGÉ, Olivia e BERLINER, David. **Anthropology and nostalgia**. Oxford: Berghan Books, 2016.

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Cia das letras, 2012.

ARENDT, Hannah. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

COELHO, Maria Claudia & OLIVEIRA, Eduardo. **Reflexões sobre o tempo e as emoções na antropologia: definições, práticas e políticas**. Revista Sociologia & Antropologia. Rio de Janeiro, v. 10, n. 03, set.-dez., 2020.

COELHO, M. C. & REZENDE, C. B. (org.). **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Faperj: Contra Capa, 2011.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

GONÇALVES, Marco Antônio. **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro, 7 letras, 2012.

HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2014.

KERTÉSZ, Imre. **A língua exilada**. São Paulo: Cia das letras, 2004.

LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LE RIDER, Jacques. **A Modernidade Vienense e as crises de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

MÁRAI, Sándor. **Confissões de um burguês**. São Paulo: Cia das letras, 2006.

MÁRAI, Sándor. **As Brasas**. São Paulo: Cia das letras, 2012.

MÁRAI, Sándor. **O legado de Eszter**. São Paulo: Cia das letras, 2009.

MILLER, W. I. **The anatomy of disgust**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

OLIVEIRA, Eduardo. **Anthropology and Nostalgia** (Resenha). In: *Interseções* v. 19 n. 1, p. 274-280, jun. 2017.

OLIVEIRA, Eduardo. **Dimensões políticas e linguísticas do exílio em escritores centro-europeus do século XX**. *História das Ideias*. Dossiê: Exílios e Exilados Vol. 38, 2020.

POCOCK, John. (1962), "The History of Political Thought: A Methodological Enquiry", in P. Laslett e W. G. Runciman (eds.), **Philosophy, Politics and Society** (second series). Oxford, Blackwell, p. 183-202.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa I**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2000.

ROSENFELD, Anatol. Introdução. In: ROSENFELD, Anatol (Org.). **Entre dois mundos**. São Paulo: Perspectiva, 1967.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHORSKE, Carl E. **Viena fin-de-siècle: política e cultura**. São Paulo : Companhia das Letras/Unicamp, 1988.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “**Para uma filosofia do exílio: A.Rosenfeld e V.Flusser sobre as vantagens de não se ter uma pátria**”, Revista Eletrônica do NIEJ/UFRJ, Ano I, nº 3, 2010.

SIMMEL, Georg. **On Individuality and Social Forms**. Chicago: Chicago University Press, 1992.

SIMMEL, G. **O estrangeiro**. In: MORAES FILHO. E. (Org.). Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

SKINNER, Quentin. **Razão e retórica na filosofia de Hobbes**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

SULEIMAN, Susan Rubin. **Writing and Internal Exile in Eastern Europe**. In. NEUBAUER, John & TÖRÖK, Borbála Zsuzsanna. The Exile and Return of Writers from East-Central Europe. New York-Berlin, Deutsche Nationalbibliothek, 2009.

STRAUSS, Leo. **Persecution and the art of writing**. Ed., Chicago/London, The University of Chicago Press, 1988.